





Capítulo 1

Importância Econômica e Social do Café Conilon

Levy Heleno Fassio e Antonio Elias Souza da Silva





1. INTRODUÇÃO

A cafeicultura, como importante atividade do setor agropecuário, desempenha função de vital relevância para o desenvolvimento social e econômico do Brasil, garantindo a geração de postos de trabalho, tributos e contribuindo significativamente para a formação da receita cambial brasileira. É notório o destaque de todo o sistema agroindustrial do café em termos de uso de mão-de-obra e fixação do homem ao campo, geração de empregos nos setores à montante e à jusante da produção primária, bem como em termos de obtenção de divisas externas e arrecadação de impostos.

A trajetória histórica do café confunde-se com a própria história do Brasil. Trazido ao país pelas mãos de Francisco de Melo Palheta, em 1727, o café, durante várias décadas, foi a principal riqueza brasileira, chegando a representar, isoladamente, 70% do valor de nossas exportações no período de 1925/1929 (EMBRAPA, 2005). Embora o café tenha, ao longo do tempo, diminuído sua participação nas exportações brasileiras, ainda hoje se constitui num expressivo gerador de divisas, tendo sido responsável pela geração de 2,9 bilhões de dólares em 2005, ficando, na balança comercial do agronegócio, atrás apenas do complexo soja e dos setores de carnes, sucroalcooleiro e de madeira, papel e celulose (MAPA, 2006). Some-se a isto, corroborando a sua importância socioeconômica, o fato de empregar direta ou indiretamente sete milhões de trabalhadores (EMBRAPA, 2005).

Perante a relevância da cafeicultura para a sociedade brasileira, buscar-se-á, neste capítulo, evidenciar a significativa contribuição do café conilon ao desenvolvimento socioeconômico do País, principalmente no Espírito Santo, estado onde essa cultura tornou-se o principal componente do agronegócio capixaba. Primeiramente, será analisada a inserção do café robusta, grupo a que pertence o Conilon, no cenário mundial, abordando-se alguns aspectos de produção e comércio internacional. Em seguida, apresentar-se-á a produção brasileira de café e a evolução da cafeicultura de conilon no Espírito Santo, destacando-se a sua importância para o Estado.

2. O CAFÉ ROBUSTA NO CENÁRIO INTERNACIONAL

Tradicionalmente, a produção de café no Brasil e no mundo concentrava-se apenas na espécie *Coffea arabica*. Entretanto, a partir do fim do século XIX, devido a um grande surto de ferrugem que afetou os cafezais do sul e leste da Ásia, a espécie *Coffea canephora*, que se mostrava resistente à doença, passou a ser alvo de estudos científicos visando à sua exploração econômica (VAN DER VOSSSEN, 1985; CHARRIER; BERTHAUD, 1988).

Segundo Chavalier (1929,1944), citado por Ferrão (2004), a espécie *Coffea canephora*, conhecida como café Robusta, inclui diversas variedades, como: 'Kouilou', 'Robusta', 'Sankutu', 'Bakaba', 'Niaculi', 'Uganda', entre outras. Destas, a 'Kouilou', denominada no Brasil, Conilon, é a mais importante em nosso país pelo seu volume de produção e valor industrial. Em função de sua menor acidez e maior quantidade de sólidos solúveis, o café conilon é largamente utilizado pela indústria na fabricação dos cafés solúveis e em misturas com o café arábica, chegando a participar com até 50% nos *blends*, sendo empregado para contrabalançar a acidez do arábica e conferir corpo ao produto industrializado (FERRÃO, 2004; BELING, 2005).

Atualmente, conforme dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA),

cerca de 36% da produção mundial de café provêm da espécie *Coffea canephora*. Na Tabela 1, observa-se que os maiores produtores são Vietnã e Brasil, que representam 34,67% e 23,07% da produção mundial respectivamente, sendo seguidos pela Indonésia, com 13,58%. Destaca-se que a produção vietnamita apresentou um grande crescimento a partir de meados da década de 90, firmando-se o país como o principal produtor de robusta (Figura 1). Este movimento foi impulsionado pelas altas cotações do café verificadas naquele período, havendo um incremento significativo do parque cafeeiro na maioria dos países produtores, com destaque para o Vietnã e Brasil (SAES; NAKAZONE, 2002).

Tabela 1. Produção mundial de café robusta e distribuição percentual por países, 2006

Países	Produção (milhões de sacas de 60 kg)	%
Vietnã	16,08	34,67
Brasil	10,70	23,07
Indonésia	6,30	13,58
Índia	3,25	7,01
Costa do Marfim	2,20	4,74
Uganda	1,95	4,20
Outros	5,90	12,72
Total	46,38	100

Fonte: USDA (2007).

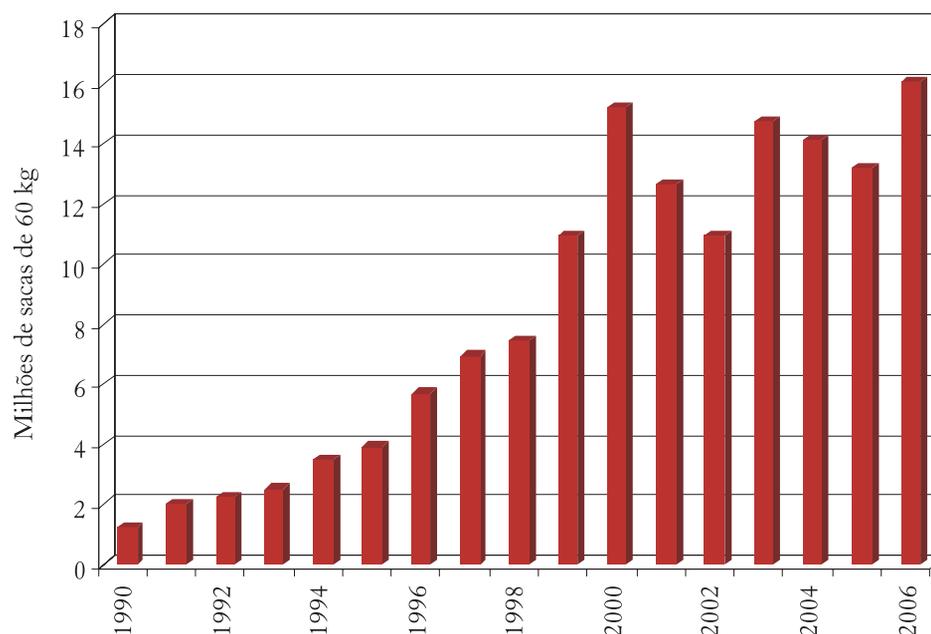


Figura 1. Evolução da produção de café robusta no Vietnã, 1990-2006.

Fonte: USDA (2007).

A expansão do parque cafeeiro verificada na década de 90 ocasionou um aumento expressivo da produção mundial de café, não acompanhado pelo consumo. Segundo Saes e Nakazone (2002), a oferta excessiva elevou os estoques mundiais, acarretando queda das cotações. Tal trajetória só foi

interrompida em 2001, a partir de quando os preços começaram a se recuperar no mercado internacional, havendo, em alguns momentos, déficit de produção em relação ao consumo (Figura 2). Conforme estimativas da Organização Internacional do Café (OIC), a atual estrutura da oferta e demanda deverá manter firme a recuperação dos preços, estimando-se, para 2007, um déficit de 6 a 11 milhões de sacas (OIC, 2006a).

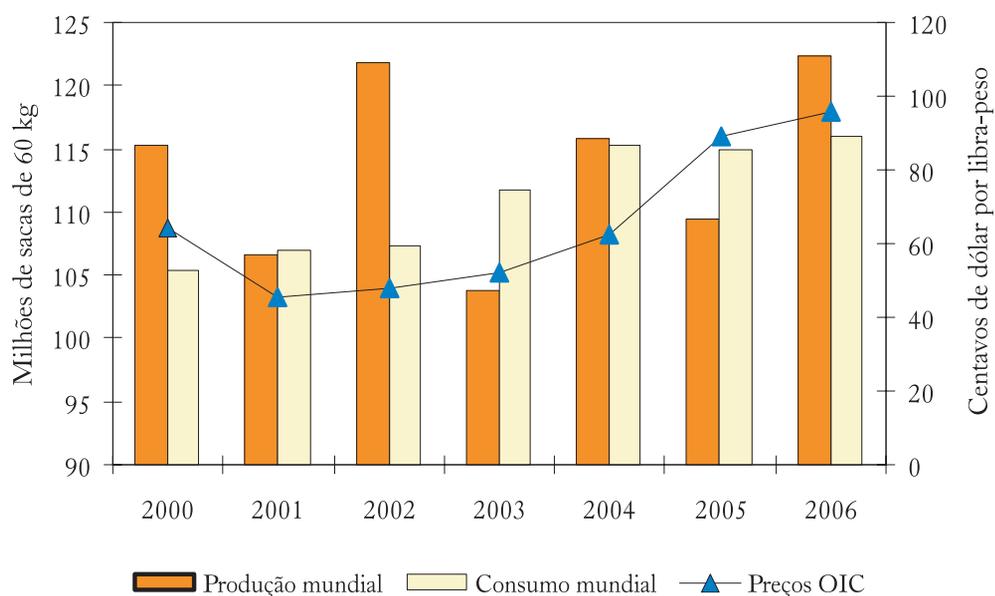


Figura 2. Produção, consumo mundial e cotações médias do café.

Fonte: OIC.

Destaca-se que o café robusta, no ano de 2005, representou 34,2% do volume de café verde transacionado mundialmente (OIC, 2006b). Observa-se, na Tabela 2, a grande concentração das vendas nos dez maiores exportadores, os quais respondem por quase 98% do volume de café robusta negociado. O Vietnã merece destaque por exportar 13,43 milhões de sacas, tendo sido seguido pela Indonésia e Brasil, com volumes da ordem de 5,34 e 2,98 milhões de sacas, respectivamente.

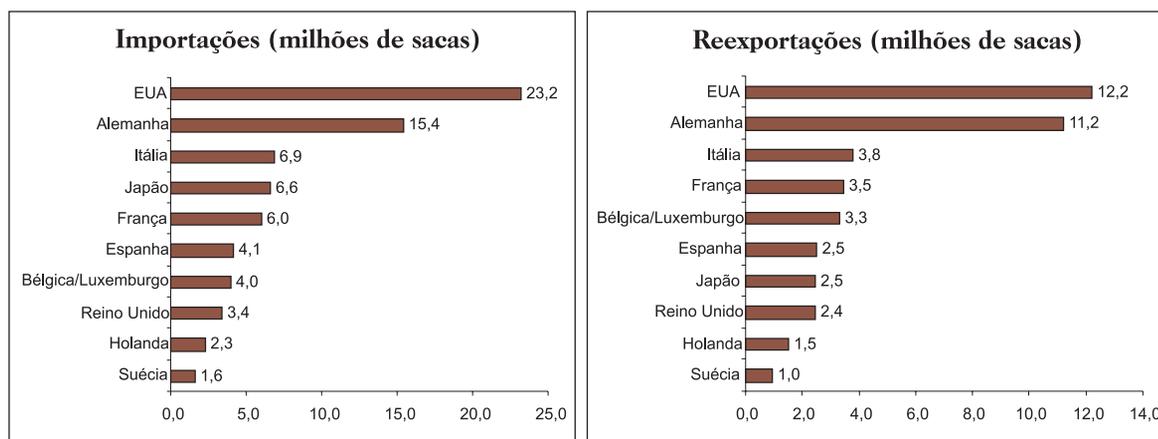
Em termos de continente, a Europa é o principal importador mundial de café desde 1967, a partir de quando superou as importações da América do Norte e assumiu a liderança mundial em decorrência do crescimento acelerado das compras alemãs (SIQUEIRA, 2005). Porém, em termos de países, os Estados Unidos mantiveram-se na liderança, chegando a responder por compras de 23,2 milhões de sacas de café em 2005, ou seja, 27,2% das importações mundiais. Nesse mesmo ano, a Alemanha respondeu por 15,4 milhões de sacas (18,1%), a Itália por 6,9 milhões de sacas (8,0%) e o Japão por 6,6 milhões de sacas (7,8%) (Figura 3).

Esses países são também grandes exportadores mundiais em virtude do papel desempenhado nas reexportações, especialmente de produtos com maior valor agregado, como o café solúvel e o torrado e moído (Figura 3). Isto se deve ao modelo de produção que vem se fortalecendo nas últimas décadas, em que a produção agrícola, localizada nos países em desenvolvimento da América do Sul, América Central, Ásia e África, é exportada para os países desenvolvidos que, por sua vez, torram e moem o grão e vendem o produto final com maior valor agregado.

Tabela 2. Principais países exportadores de café robusta, 2005

Países	Exportações (milhões de sacas)	% das exportações mundiais
Mundo	29,68	100,0
Dez Maiores	29,01	97,7
1 Vietnã	13,43	45,2
2 Indonésia	5,34	18,0
3 Brasil	2,98	10,0
4 Uganda	2,06	6,9
5 Costa do Marfim	1,90	6,4
6 Índia	1,72	5,8
7 Camarões	0,59	2,0
8 Equador	0,50	1,7
9 Tailândia	0,25	0,8
10 Guiné	0,24	0,8

Fonte: OIC (2006b).

**Figura 3.** Principais países importadores e reexportadores de café, 2005.

Fonte: OIC (2006b).

Esse é um mercado em que o Brasil poderia melhorar sua posição avançando sobre as reexportações dos países consumidores. O interesse pelo beneficiamento do café e venda direta aos clientes finais nos grandes mercados consumidores se justifica pelas elevadas diferenças existentes entre os preços pagos aos produtores que cultivam o café nos países em desenvolvimento e os preços pagos pelo café nas vendas a varejo nos países desenvolvidos (SAES; NAKAZONE, 2002; SIQUEIRA, 2005). No caso brasileiro, o preço pago ao produtor de café chega a ser inferior aos preços pagos no varejo dos Estados Unidos, da Europa (média de 13 países) e do Japão em, respectivamente, 5, 7 e 18 vezes (SIQUEIRA, 2005).

Os principais compradores do café conilon brasileiro são Itália, Estados Unidos e México,

cujas aquisições representaram, respectivamente, US\$ 24,1 milhões, US\$ 17,7 milhões e US\$ 15,9 milhões em 2005. Esses países foram responsáveis por 77,4% da receita cambial obtida com a venda desse produto. Destaca-se que o porto de Vitória é o principal porto de embarque do conilon, onde foi embarcado, em 2005, o correspondente a US\$ 58 milhões (CECAFÉ, 2006).

3. PRODUÇÃO BRASILEIRA E EVOLUÇÃO DA CAFEICULTURA DE CONILON NO ESPÍRITO SANTO

Com relação à produção brasileira, levantamento efetuado pela Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), apontou que o Brasil produziu, em 2006, 33 milhões de sacas beneficiadas de café arábica e 9,5 milhões de sacas de robusta, representando 77,7% e 22,3% da produção nacional, respectivamente (Tabela 3). Segundo a Conab, o café é cultivado em 14 estados brasileiros e no Distrito Federal, mas 96,98% da produção concentra-se em apenas seis: Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Paraná, Bahia e Rondônia. Quando se considera o café robusta, observa-se uma concentração ainda maior, sendo que somente o Espírito Santo responde por 72,45% da produção nacional, seguido por Rondônia, com 13,3%.

Tabela 3. Produção de café no Brasil na safra 2006

Estado	Produção (mil sacas beneficiadas)		
	Arábica	Robusta	Total
Minas Gerais	21.957	30	21.987
Espírito Santo	2.128	6.881	9.009
São Paulo	4.470	-	4.470
Paraná	2.248	-	2.248
Bahia	1.725	526	2.251
Rondônia	-	1.263	1.263
Mato Grosso	25	225	250
Pará	-	280	280
Rio de Janeiro	255	9	264
Outros	207	283	490
Brasil	33.015	9.497	42.512

Fonte: Conab (2006).

Já no Espírito Santo, o conilon assume maior relevância. Na safra 2006, o Estado produziu 6,88 milhões de sacas de café conilon, o robusta brasileiro, perfazendo 76,4% da produção estadual, que foi de nove milhões de sacas, conforme pode ser verificado na Tabela 3 e na Figura 4. Tais dados demonstram que, graças ao Espírito Santo, o Brasil é o segundo maior produtor e o terceiro maior exportador de robusta no mundo. Neste Estado, segundo Ferrão (2006), o parque cafeeiro do conilon estende-se por uma área em produção superior a 285 mil ha, sendo constituído, aproximadamente,

por 561 milhões de plantas. Vale destacar que, em 2006, registrou-se um rendimento médio de 24,00 sacas beneficiadas por hectare.

Em terras capixabas, a cafeicultura de conilon teve início no ano de 1912, quando o então governador Jerônimo Monteiro trouxe as primeiras mudas e sementes para Cachoeiro de Itapemirim, na região sul do Estado. Contudo, somente a partir da década de 60, em razão da crise do café, que levou à erradicação de grande parte da lavoura cafeeira estadual, constituída predominantemente por café arábica, o cultivo do café conilon experimentou grande expansão (BANDES, 1987; SCHMIDT; DE MUNER; FORNAZIER, 2004).

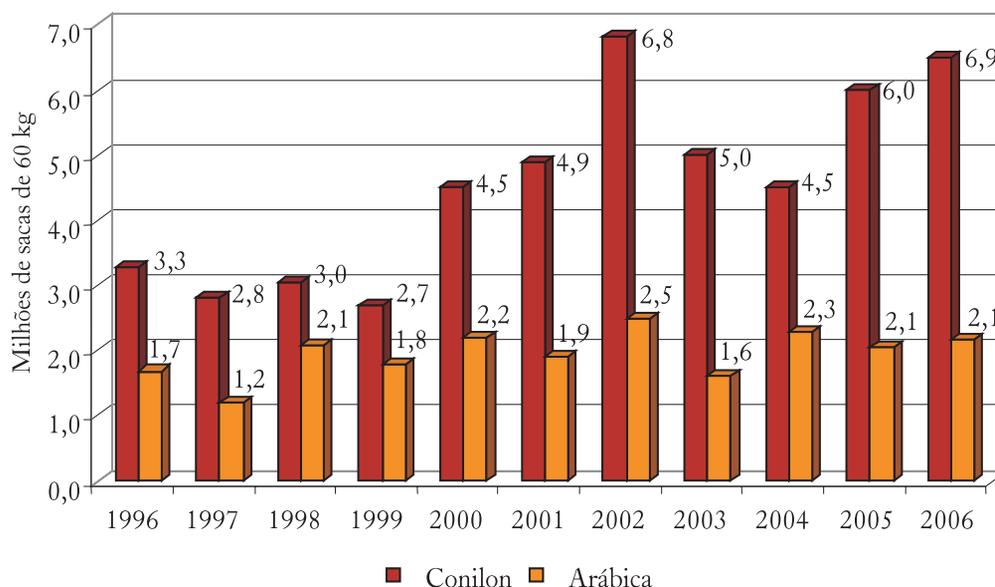


Figura 4. Histórico da produção de café no Espírito Santo.

Fonte: Embrapa/Incaper (1996 a 2001); Conab/Incaper (2002 a 2006).

A partir dessa década, e principalmente em 1971, foram implantadas as primeiras lavouras tecnificadas de café conilon no município de São Gabriel da Palha, de onde se expandiram para todas as regiões do Espírito Santo (SCHMIDT; DE MUNER; FORNAZIER, 2004; GLAZAR, 2005). Segundo Tristão (1995) e Ferrão (2004), o surgimento e crescimento da indústria do café solúvel, bem como o emprego dessa espécie em misturas com o arábica, foi um dos principais fatores responsáveis pelo desenvolvimento da cultura. Além disso, o café conilon representava uma excelente alternativa aos cafeicultores das regiões mais quentes e secas do Estado, menos aptas ao cultivo do café arábica (DADALTO; BARBOSA, 1997; FONSECA et al., 2004). Atualmente, o conilon é cultivado em 65 municípios (IBGE, 2005), sendo explorado em cerca de 35 mil propriedades rurais (FERRÃO, 2004), que, embora se concentrem na região norte do Estado, estão distribuídas até a divisa com o Rio de Janeiro (Figura 5).

Em relação aos municípios, verifica-se na Tabela 4 que os principais produtores são Jaguaré, Sooretama, Vila Valério, São Mateus, Rio Bananal e Pinheiros, os quais foram responsáveis, em 2005, por 36,6% da produção estadual. Ao longo dos últimos dez anos, a cafeicultura de conilon passou por uma série de transformações, sendo a principal delas a evolução no nível técnico das lavouras. De um

modo geral, o perfil empreendedor dos cafeicultores, aliado a condições favoráveis de temperatura e topografia, permitiu que uma cafeicultura altamente desenvolvida, inclusive com uso de irrigação e variedades melhoradas, fosse praticada no norte do Estado. O resultado dessa conjugação de fatores foi o expressivo incremento da produtividade ou rendimento médio das lavouras, principal responsável pelo aumento da produção de conilon verificada nesses municípios.

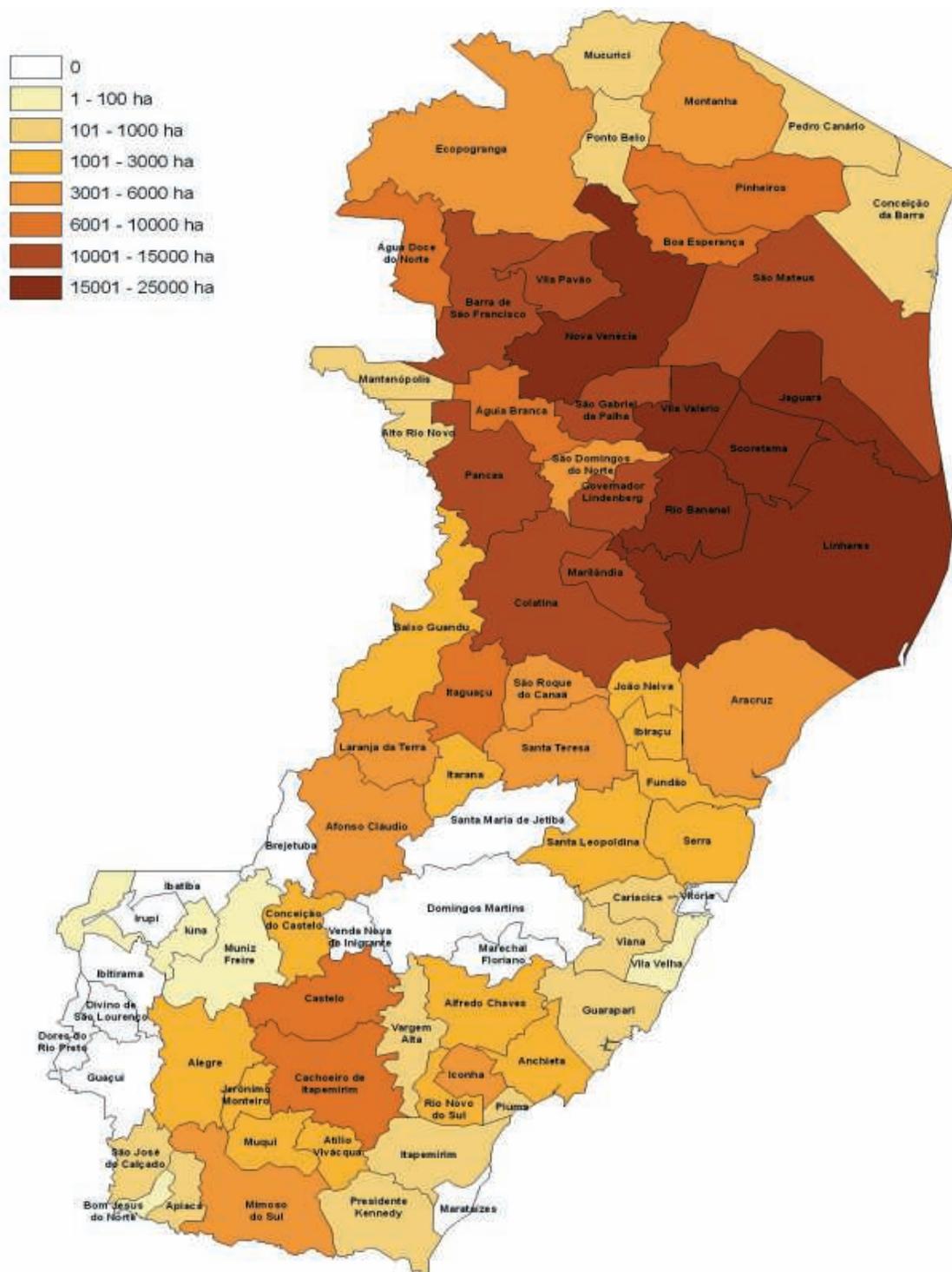


Figura 5. Distribuição do parque cafeeiro de conilon no Estado do Espírito Santo.

Fonte: Mapa elaborado pelo Incaper. Dados IBGE (2005).

Além disso, percebe-se também que houve um declínio na concentração da produção, estando ela melhor distribuída. Pode-se verificar que, em 1995, a produção concentrava-se em Linhares (Figura 6). Entretanto, devido ao desmembramento de seu território e criação do município de Sooretama, houve um decréscimo significativo em sua produção, pela perda de áreas ocupadas com café conilon. Isso pode ser comprovado somando-se as produções atuais de Linhares e Sooretama, o que resultaria em 617 mil sacas e superaria a produção de Jaguaré, 540 mil sacas, maior produtor em 2005. O mesmo raciocínio pode ser utilizado em relação à área colhida, resultando numa área próxima à estimada em 1995 para Linhares (Tabela 4).

Tabela 4. Evolução da produção, área colhida e rendimento médio das lavouras dos principais municípios produtores de café conilon do Espírito Santo

Municípios	Produção (mil sacas)			Área colhida (mil ha)			Rendimento Médio (sacas/ha)		
	1995	2000	2005	1995	2000	2005	1995	2000	2005
Jaguaré	204	396	540	17,0	18,0	18,0	12,0	22,0	30,0
Sooretama ¹	-	320	360	-	16,0	20,0	-	20,0	18,0
Vila Valério ¹	-	225	349	-	15,0	22,5	-	15,0	15,5
São Mateus	48	160	311	6,4	12,0	13,5	7,5	13,3	23,0
Rio Bananal	135	375	294	16,5	16,0	16,3	8,2	23,5	18,0
Pinheiros	73	113	292	4,2	4,5	7,3	17,3	25,1	40,0
Nova Venécia	148	400	260	15,0	20,0	20,0	9,8	20,0	13,0
Linhares	524	216	257	34,9	12,0	14,3	15,0	18,0	18,0
Colatina ²	182	235	156	22,8	23,5	13,0	8,0	10,0	12,0
São Gabriel da Palha ²	133	188	150	20,0	12,5	12,5	6,7	15,0	12,0

¹Municípios criados após 1995;

²Colatina e São Gabriel da Palha ocupam, respectivamente, a 13^a e a 15^a posição no *ranking* atual de produção.

Fonte: IBGE (1995, 2000 e 2005).

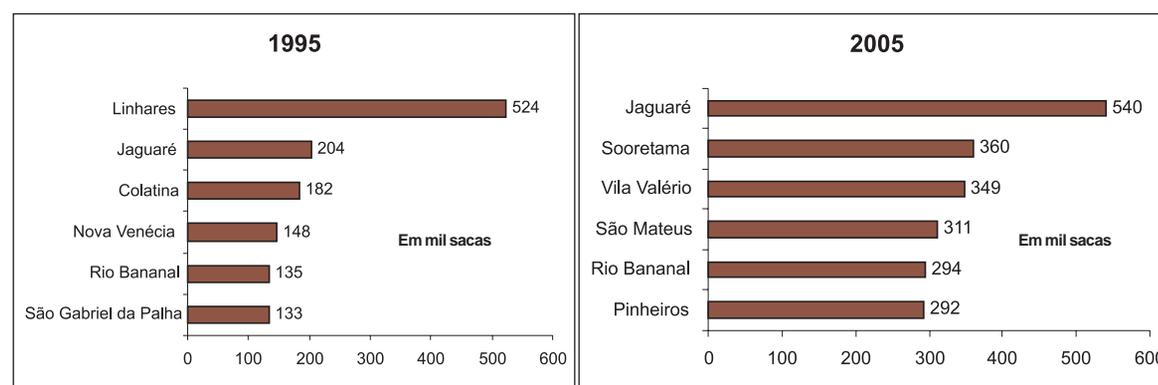


Figura 6. Principais municípios produtores de café conilon no Espírito Santo.

Fonte: IBGE (1995 e 2005).

Evento semelhante ocorreu também com os municípios de Colatina e São Gabriel da Palha,

em razão da emancipação, respectivamente, de Governador Lindenberg e Vila Valério, este último um dos maiores produtores do Estado. São Gabriel merece destaque atualmente por representar um importante centro comercial de café, sediando a Cooperativa Agrária dos Cafeicultores de São Gabriel (Cooabriel), instituição que congrega cerca de dois mil associados e comercializa, anualmente, aproximadamente 200 mil sacas de café (COOABRIEL, 2005).

Na Tabela 5, apresenta-se a evolução recente da cafeicultura de conilon no Espírito Santo. Pode-se verificar que a produção estadual passou de 4,5 milhões de sacas beneficiadas em 2000 para 6,9 milhões de sacas em 2006, o que significa um crescimento de 52,9% em seis anos. Já a produtividade saltou de 15,39 sacas/ha em 2000 para 24,12 sacas/ha em 2006, ou seja, um incremento de 56,7%. No que diz respeito à área em produção, esta sofreu um decréscimo de 2,4% nesse período devido à substituição de lavouras, principalmente as depauperadas, por outras atividades agrícolas e florestais. Entretanto, verifica-se que a área em produção tem oscilado em torno de 300 mil hectares, sinalizando um movimento de estabilização, conforme sugerem De Muner et al. (2003) e Pedeg (2003).

Tabela 5. Evolução anual da cafeicultura de conilon no Espírito Santo, 2000-2006

Safras	Produção (milhões de sacas beneficiadas)	Área em Produção (ha)	Produtividade (sacas/ha)
2000	4,50	292.325	15,39
2001	4,90	296.379	16,53
2002	6,83	303.697	22,47
2003	5,01	300.026	16,70
2004	4,50	297.466	15,13
2005	6,01	300.013	20,05
2006	6,88	285.232	24,12

Fonte: Embrapa/Incaper (2000 a 2001); Conab/Incaper (2002 a 2006).

Pode-se concluir, portanto, que a produção de café conilon no Espírito Santo, bem como a produtividade das lavouras, tem aumentado expressivamente nos últimos anos. Tal crescimento pode ser atribuído ao desenvolvimento e à adoção de novas tecnologias, em grande parte geradas e difundidas pelo Incaper, que tornaram mais eficiente o processo produtivo, tais como as variedades clonais, o plantio em linha, a poda e o adensamento, o uso eficiente de irrigação e os avanços em nutrição. Segundo De Muner et al. (2003) e Seag (2003), a transferência e rápida adoção dessas tecnologias transformaram a lavoura cafeeira de conilon do Estado em uma das mais competitivas do mundo, com custos comparáveis aos do Vietnã e da Indonésia.

Por tudo que se apresentou, o cultivo do café conilon figura, atualmente, como a mais importante atividade do setor agrícola capixaba, tendo sido responsável, em 2005, por 25% do valor bruto da produção agropecuária estadual, conforme dados da Secretaria de Estado da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca (Seag). Naquele ano, o valor bruto da cafeicultura de conilon foi superior a R\$ 839 milhões (Tabela 6).

Nas cerca de 40 mil unidades produtivas onde está presente, a exploração envolve 209,4 mil

trabalhadores diretamente nas lavouras, que são conduzidas, predominantemente, em regime de economia familiar, inclusive com a participação de meeiros, sistema bastante comum no Espírito Santo. Destaca-se que a mão-de-obra utilizada na atividade é composta por 47% de proprietários, 47% de parceiros rurais e apenas 6% de empregados (TEIXEIRA, 1998; DE MUNER et al., 2003; PEDEAG, 2003; FONSECA et al., 2004).

Ressalta-se, ainda, que o tamanho médio das lavouras de café conilon no Estado é de 9,85 ha. Outro fator que merece destaque refere-se à estratificação das propriedades cafeeiras, sendo que cerca de 74% da área plantada situa-se em estratos inferiores a 50 ha, com 28% das propriedades apresentando menos de 10 ha (DE MUNER et al., 2003; SEAG, 2003).

Tabela 6. Valor bruto da produção agropecuária do Espírito Santo, 2005

Exploração	Valor da produção (R\$ milhões)	Participação (%)
Cafeicultura	1.153,55	34,3
- Café Arábica	313,78	9,3
- Café Conilon	839,77	25,0
Produção animal	816,44	24,3
Fruticultura	677,00	20,1
Silvicultura	214,66	6,4
Olericultura	183,28	5,5
Outras culturas ¹	165,34	4,9
Produtos alimentares	150,94	4,5
Total	3.361,20	100,0

¹Cana-de-açúcar e pimenta-do-reino.

Fonte: SEAG.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados apresentados neste trabalho demonstram que a cadeia produtiva do café conilon é muito importante no contexto da economia brasileira, em especial na capixaba, promovendo benefícios não só econômicos como também sociais. Ratificam esta afirmação os números que demonstram a importância da agricultura familiar e da pequena propriedade, evidenciando o relevante papel social da cafeicultura de conilon, responsável pela geração de empregos, distribuição de renda e fixação do homem no meio rural.



5. REFERÊNCIAS

- BANDES. *Diagnóstico da cafeicultura capixaba: o café robusta no Espírito Santo*. Vitória, ES: Bandes, 1987. 88p.
- BELING, R. R. (Ed.). *Anuário brasileiro do café 2005*. Santa Cruz do Sul: Gazeta Santa Cruz, 2005. 136p.
- CHARRIER, A.; BERTHAUD, J. Principles and methods in Coffea plant breeding: *Coffea canephora* Pierre. In: CLARKE, R. J.; MACRAE, R. (Eds.). *Coffea: Agronomy*. London: Elsevier Applied Science, 1988. v. 3, p. 167-195.
- CONAB. *Cafés do Brasil: safra 2006/2007*. Brasília: MAPA/CONAB, dez. 2006.
- CECAFÉ. *Relatórios CECAFÉ*. Disponível em: <<http://www.cecafe.com.br/index.asp>>. Acesso em: 05 abr. 2006.
- COOABRIEL. *História*. Disponível em: <<http://www.cooabriel.com.br>>. Acesso em: 23 nov. 2005.
- DADALTO, G. G.; BARBOSA, C. A. *Zoneamento agroecológico para a cultura do café no Estado do Espírito Santo*. Vitória, ES: SEAG, 1997. 28 p.
- DE MUNER, L. H.; TEIXEIRA, M. M.; FORNAZIER, M. J.; FAVORETO, O. S.; SALGADO, J. S. Cafeicultura sustentável. In: *Plano Estratégico de Desenvolvimento da Agricultura Capixaba*. Vitória, ES: Incaper, 2003. 61p. (impresso)
- EMBRAPA. *Histórico*. Disponível em: <<http://www22.sede.embrapa.br/café/unidade.htm>>. Acesso em: 21 dez. 2005.
- FERRÃO, R. G. *Biometria aplicada ao melhoramento genético do café Conilon*. 2004. 256 f. Tese (Doutorado em Genética e Melhoramento) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG. 2004.
- FERRÃO, R. G. *Relatório de previsão de safra cafeeira no Estado do Espírito Santo*. Vitória, Incaper, dez. 2006. 6p.
- FONSECA, A. F. A. da. FERRÃO, M. A. G.; FERRÃO, R. G.; VERDIN FILHO, A. C.; VOLPI, P. S.; ZUCATELI, F. *Conilon Vitória – ‘Incaper 8142’*: variedade clonal de café conilon. Vitória, ES: Incaper, 2004, 24p. (Incaper. Documento, 127).

GLAZAR, E. *Brava gente polonesa: memórias de um imigrante, formação histórica de São Gabriel da Palha e expansão do café conilon no Espírito Santo*. Vitória, ES: Flor&cultura; Cultural, 2005. 256p.

IBGE. *Levantamento sistemático da produção agrícola: pesquisa mensal de previsão e acompanhamento da safra agrícola do Espírito Santo no ano civil*. Vitória, ES: IBGE/GCEA, dez. 1995, 2000 e 2005.

MAPA. *Balança Comercial do Agronegócio*. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br>>. Acesso em: 07 abr. 2006.

OIC. Relatório sobre o mercado cafeeiro, dez. 2006a, 6 p. Disponível em: <<http://www.ico.org/documents/cmr1206p.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2007.

OIC. *Trade Statistics*. Disponível em: <http://www.ico.org/trade_statistics.asp>. Acesso em: 31 mar. 2006b.

SAES, M. S. M.; NAKAZONE, D. *Estudo da competitividade de cadeias integradas no Brasil – impactos das zonas de livre comércio: cadeia café*. Campinas: Unicamp/MDIC/MCT, 2002. 133p.

SCHMIDT, H. C.; DE MUNER, L. H.; FORNAZIER, M. J. (Eds.) *Cadeia produtiva do café arábica da agricultura familiar no Espírito Santo*. Vitória, ES: Incaper, 2004. 52p.

SEAG. *Plano estratégico de desenvolvimento da agricultura capixaba*. Vitória, ES: SEAG, 2003. 1CD-ROOM.

SIQUEIRA, T. V. de. A cultura do café: 1961-2005. In: *BNDES Setorial*, Rio de Janeiro, n. 22, set. 2005. p. 205-270.

TEIXEIRA, M. M. Caracterização, análise e diagnóstico da cafeicultura capixaba. In: SIMPÓSIO ESTADUAL DO CAFÉ, 3., 1998, Vitória, ES. *Anais...* Vitória: Cetcaf, 1998. p.43-76.

TRISTÃO, J. Perspectivas do mercado interno brasileiro de café. In: SIMPÓSIO ESTADUAL DO CAFÉ, 2., 1995, Vitória. *Anais...* Vitória, ES: Cetcaf, 1995. p.36-42.

USDA. *Production, Supply and Distribution Online Database*. Disponível em: <<http://www.fas.usda.gov/psd/psdselection.asp>>. Acesso em: 25 jan. 2007.



VAN DER VOSSEN, H. A. M. Coffea selection and breeding. In: CLIFFORD, M. N.; WILLSON, K. C. (Eds.). *Coffee: botany, biochemistry and production of beans and beverage*. London: Croom Helm, Westport Conn, 1985. p.48-96.